

A background image showing a group of people playing cards at a table. The table is covered with a green cloth, and several cards are visible on the surface. The image is slightly blurred, focusing on the text overlay.

ARTIGO

**O BARALHO COMO
ELEMENTO DE
SOCIABILIDADE: UM
ESTUDO ENTRE OS
DESCENDENTES DE
IMIGRANTES ITALIANOS
EM ALFREDO CHAVES-ES**

Gabriel Pietralonga Marion

Mestre em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – 2024. Especialista em Historiografia Brasileira pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante (FAVENI) – 2021. Licenciado em História pelo Centro Universitário São Camilo – Cachoeiro de Itapemirim, ES - 2020.



Resumo

No quarto final do século XIX, milhares de imigrantes italianos deixaram sua terra natal e rumaram para as serras do Espírito Santo em busca de melhores condições de vida. Consigo trouxeram suas histórias, suas memórias e sua cultura. O lazer é uma das mais marcantes atividades desse grupo sociocultural, em especial no que concerne aos jogos de baralho. O lazer funciona não apenas como uma forma de diversão, mas também como um elemento integrador da sociabilidade e da identidade do grupo, criando e reforçando laços de amizade, interação e companheirismo.

Palavras-chaves: imigrantes italianos; cultura; lazer; sociabilidade.

Abstracts

In the late 19th century, thousands of Italian immigrants left their homeland and headed to the mountains of Espírito Santo in search of better living conditions. With them they brought their stories, their memories and their culture. Leisure is one of the most important activities of this sociocultural group, especially with regard to card games. Leisure functions not only as a form of fun, but also as an integrating element of sociability and group identity, creating and reinforcing bonds of friendship, interaction and partnership.

Keywords: italian immigrants; culture; leisure; sociability.

Introdução

Muito tempo já se passou desde que milhares de imigrantes italianos aportaram em terras brasileiras, no quarto final do século XIX. A chegada de tantas pessoas provenientes de um local tão distante é uma combinação de fatores, tanto do lugar de origem quanto do destino. Brasil e Itália passavam por momentos de instabilidade e grandes transformações em suas respectivas sociedades.

A principal causa da partida desses indivíduos de sua região natal foi a fuga da fome e das guerras ocasionadas pelo movimento de unificação do Estado italiano, conhecido como *Risorgimento*, que devastou em especial o Norte do então recém-nascido país. O Brasil, por sua vez, vivia problemas relacionados com a questão do iminente e inevitável fim da escravidão, o regime de trabalho que norteava as relações socioeconômicas do país até o século XIX. Assim, somado ao projeto de branqueamento racial imperante nas elites brasileiras, influenciadas por teorias pseudocientíficas, como o darwinismo social, passou a ser incentivada a obtenção de mão de obra de imigrantes europeus para trabalhar nas lavouras cafeeiras paulistas e para povoar os territórios então considerados inabitados.

Os italianos, que viviam um momento conturbado, se apresentavam de maneira propícia para o projeto brasileiro. Verdadeiras agências de propaganda se embrenharam pelos campos italianos, distribuindo panfletos e proferindo discursos com o objetivo de incentivar a população local a aceitar a empreitada. Foram realizadas muitas promessas, como viagem e hospedagem gratuitas, e buscaram vender a imagem do Brasil como o país das terras férteis e da abundância, atingindo e tocando o ponto mais sensível da vida dos italianos: a terra própria, onde poderiam obter seu alimento e sustentar a família.

A bordo de navios, aqueles que aceitaram deixar para trás toda uma vida para iniciar uma nova, num local totalmente desconhecido, desembarcaram nos portos brasileiros. Apenas no Espírito Santo, de acordo com os dados do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (FRANCESCHETTO, 2014, p.108-109),



Figura 1 - Passagem do imigrante italiano Giuseppe Puppini. Fonte: PUPPIN, 2007, p.54

35.033 imigrantes italianos chegaram no século XIX, e mais 1.633 alcançariam o solo capixaba até 1973, totalizando 36.666 indivíduos.

A maioria que atingia o Espírito Santo desembarcava no porto de Benevente – no atual município de Anchieta – e permanecia por alguns dias ou semanas na hospedaria, até que seus destinos fossem acertados com os agentes de imigração. Uma vez definidos os lotes de terra de cada núcleo familiar, os imigrantes então partiam para sua tão sonhada propriedade.

A região banhada pelo rio Benevente recebeu a maior parte dos imigrantes italianos no Espírito Santo (7.709 indivíduos, representando 22,3% do total), através da qual era possível alcançar a Colônia Rio Novo e a Colônia Castello, povoações que deram origem ao município de Alfredo Chaves. Subiam o rio Benevente em canoas ou pranchões puxados por funcionários da imigração, por escravizados ou pelos próprios imigrantes, até chegar aos casarões que funcionavam como hospedarias. Dali, o destino seria alcançado a pé, mediante a subida das serras através das picadas abertas em meio à mata fechada.

Uma vez instalados em suas propriedades, os imigrantes italianos logo buscaram prover a subsistência, como primeira necessidade, mediante a agricultura, e construir a capela, urgência para os anseios da fé. Com o tempo e com a chegada de mais levas de imigrantes, esses núcleos populacionais deram ori-

gem a comunidades. Lá também passaram a desenvolver sua cultura, seus hábitos e costumes, sua religião e seu lazer.

Por ser, em sua maioria, praticada em pequenas comunidades do interior do município, em um contexto de quase nulo deslocamento em virtude das limitações materiais da época e das circunstâncias sociais, a cultura desse grupo de pessoas pôde se manter relativamente estável ao longo do tempo. O conjunto de práticas, costumes, hábitos e saberes transmitidos de geração em geração é o que chamo de legado cultural dos imigrantes italianos em Alfredo Chaves.

Muito daquilo que se observava entre os imigrantes italianos pode ainda ser visto na atualidade do município. O foco deste artigo se insere nas práticas voltadas ao lazer, em especial no jogo de cartas, o baralho, em jogos como a bisca, *tressette* e triunfo, que funcionam, além de um momento de diversão, como um elemento de sociabilidade, que integra as relações sociais desse grupo de pessoas.

Como metodologia, utilizei a pesquisa bibliográfica em memorialistas e observadores, além da historiografia da imigração italiana no Espírito Santo, em que levantei os aspectos culturais do grupo em foco. Em seguida, realizei entrevistas com descendentes de imigrantes italianos que moram em Alfredo Chaves, com o objetivo de comprovar o legado cultural através da História Oral.

Os jogos de cartas

A origem dos jogos de cartas é incerta. Muitos povos ao redor do mundo e ao longo do tempo já praticaram essa atividade, com diferentes estilos de cartas. Portanto, o jogo não possui uma origem especificamente italiana, não foi inventado pelo grupo de pessoas que abordo neste trabalho. Por delimitações de tempo, uma pesquisa acerca do nascimento do jogo do baralho não pôde ser feita. Não se sabe também desde qual época o jogo é praticado pelos italianos.

Mas o fato é que os imigrantes italianos jogavam cartas no decorrer da viagem dos navios, durante o pouso na Hospedaria dos Imigrantes, nas suas casas e nos espaços de convivência social em suas comuni-

dades em Alfredo Chaves. O baralho era, junto com a mora e a bocha, a principal forma de diversão, a maneira preferida para escapar do pesado cotidiano de trabalho e realizar momentos de sociabilidade com os pares. Durante o trajeto nos navios, numa tentativa de aliviar a dor da partida, os passageiros buscavam se divertir e, segundo Derenzi (1974, p.52), faziam isso com o baralho, no jogo da escopa e do *tressette*.

Os primeiros tempos dos imigrantes italianos em Alfredo Chaves foram os mais difíceis. Inseridos em um ambiente desconhecido, numa lógica social estranha, com uma língua diferente, costumes e tradições próprias, alimentos que não eram familiares, dentre várias outras adversidades, era necessário reaprender a viver, adaptar-se a um novo mundo. Nesse período inicial foi preciso transformar matas em roças, terrenos em habitações e das dificuldades erigir uma comunidade. Somente com muito esforço, dedicação e organização do trabalho foi possível vencer condições tão adversas.

A mobilidade também era quase nula. As condições materiais, somadas às dificuldades naturais do ambiente, não permitiam a locomoção para distâncias consideráveis, mesmo que fosse para trabalhar ou para cumprir alguma outra obrigação. Assim, os imigrantes italianos e seus descendentes viviam juntos em suas comunidades. Ali nascia-se, trabalhava-se, rezava-se, casava-se¹ e morria-se. Era uma vida simples, de pessoas que buscavam sobreviver em meio a tantas adversidades.

Nesse contexto, os jogos e demais atividades de lazer podem ser analisadas sob a perspectiva de fuga do cotidiano, um momento de relaxamento em grupo, no qual os indivíduos, geralmente nos sábados e domingos, podiam descansar da pesada rotina semanal. Eram dois os eventos em que os imigrantes e seus descendentes se uniam aos fins de semana: os jogos e a reza. Tanto que um era interligado ao outro. No domingo pela manhã, costumava-se ir à reza e depois permanecer nas dependências da capela ou igreja da comunidade para socializar, interagir e se divertir.

¹ O hábito de casar-se com alguém do mesmo grupo era quase que obrigatório; buscava-se, com isso, manter o grupo unido e coeso.

Os jogos praticados por esses indivíduos refletiam a simplicidade de um grupo de pessoas que pouco tinha em termos materiais. No geral, vieram para o Brasil fugindo da fome e das péssimas condições de vida que levavam na Itália e, uma vez instalados em Alfredo Chaves, precisavam trabalhar por exaustivas jornadas para conseguir a subsistência e prover a família. O esforço era grande e o dinheiro, pouco. Dessa maneira, não tinham muita opção para distração. Não havia formas de lazer sofisticadas ou algo similar; o lazer era realizado de acordo com o que dispunham.

O jogo da bocha era praticado com bolas de pau², feitas de madeira retiradas da floresta, em qualquer terreno relativamente plano. O jogo da mora de nada mais necessita além dos dedos das mãos e de uma alta e enérgica voz. O baralho era algo tão difundido que não custava muito nos comércios locais e, além disso, a grande maioria dos imigrantes já trouxe o seu próprio jogo da Itália.

Contudo, a simplicidade dos jogos em nada diminui sua relevância histórico-social. Ao contrário, é justamente a ausência de condições materiais favoráveis que faz dos imigrantes italianos heróis e mártires aos olhos de seus descendentes. As dificuldades enfrentadas pelos seus antepassados são motivo de orgulho para essa parcela da população alfredense, que enxerga no passado inspiração e aspectos constituintes de sua identidade sociocultural.

Os mesmos jogos são praticados há mais de um século na mesma região. Hoje, em 2024, a prática do baralho, da bocha e da mora é amplamente difundida nas comunidades do interior de Alfredo Chaves. Se reúnem, sobretudo, nos mesmos moldes de antes: mesas de baralho se mostram presentes nas dependências das igrejas aos fins de semana, assim como nas vendas, que se configuram como os tradicionais pontos de encontro e sociabilidade da comunidade. No ambiente doméstico também é muito comum que famílias se juntem para praticar os jogos aprendidos com seus antepassados.

Edimar Vaneli relata que o jogo do baralho é muito apreciado em sua família. Nas ocasiões em

que se encontram, é costumeiro jogar *tressette*, trunfo e bisca. Ele afirma que é uma tradição familiar, que aprendeu com seu pai, tios e avô, e que continua a ser ensinado para os mais novos na família. Também é rotineiro convidar amigos para jogar em sua casa na comunidade de Sagrada Família, no interior de Alfredo Chaves. Segundo ele, o *tressette* e o triunfo são jogados com a mesma estrutura.

O *tressette* e o triunfo basicamente é o mesmo. Você joga com quarenta cartas, normais, né. O maior é o 3, o 2, o Ás. Depois Reis, Valet e Dama, 7, 6, 5 e 4. Com os quatro jogos (naipes). No caso do triunfo, ele tem trinta e cinco pontos. O 3 vale um ponto, o 2 vale um ponto, o Ás vale três, as figuras valem um, o 7 e o 6 não valem nada, é o lixo que a gente fala. No total vai dar trinta e cinco pontos. Ou você joga sozinho contra três, depende da situação, ou em dupla. Quem fizer dezoito pontos ou mais, ganha. O *tressette* não tem trunfo. Você puxa. Eu puxei um 3 de copas, ninguém pega esse 3. Todo mundo que tem, vai ter que repetir. Tem que jogar copas, não pode jogar outra carta. Se você tem copas, você tem que jogar copas. Se você não tem copas, você pode jogar outra carta. Se você não é meu parceiro, você vai jogar um lixo, o 6 e o 7, que não vale nenhum ponto. Se você é meu parceiro, e eu tenho, por exemplo, a maior carta de copas, que é o 3, eu jogo, e você não tem copas, você joga um Ás de outro naipe, que vale três pontos. [...] Geralmente se joga em quatro. Eu joguei um 3, você tem o Reis, outro tem um Ás, outro tem um 6. Como o 3 é meu, eu pego essas quatro cartas e boto no meu monte. [...] Aí vai fazendo um monte seu e um do seu adversário, e conta no final. Geralmente é em dupla. Pode dar vinte a quinze, dezessete a dezoito, dezenove a dezesseis... (VANELI, Edimar, 2023).

Outro entrevistado, Luciano Venturini diz que adora jogar o *tressette*, seu favorito, embora também saiba jogar triunfo. Em Quarto Território, relembra, jogava todo fim de semana com seus amigos. Aprendeu o jogo, da mesma forma que os outros participantes desta pesquisa, com seus familiares, através da socialização e da inserção na cultura desse grupo. Aspecto

2 Daí a bocha ser também conhecida como "jogo da bola de pau".



Mapa 1 – Município de Alfredo Chaves. Fonte: < <https://www.alfredochaves.es.gov.br/downloads/categoria/mapas/5>>. Acesso em: 19 de outubro de 2024.

constituente da identidade dos descendentes de imigrantes italianos, os jogos de baralhos são uma das maiores formas de diversão, praticados até hoje.

Essa tradição é visível em praticamente todas as comunidades do município de Alfredo Chaves. Os hábitos dos imigrantes italianos foram transmitidos de geração em geração e se mantiveram vivos através

de seus descendentes que, conscientemente ou não³, exercem um grande legado cultural em atividades

3 Muitos entrevistados relatam que gostam do jogo justamente por serem descendentes de imigrantes italianos, e assim mantêm viva a tradição que aprenderam com seus pais e avós. Já outros não são descendentes, mas também participam e jogam o baralho nas vendas e dependências da capela da comunidade.

simples e rotineiras. Basta uma simples visita a essas comunidades durante as tardes de sábado ou domingo para assistir a partidas de baralho jogadas pelos moradores, sobretudo homens.

No mapa ao lado pode-se ver a distribuição atual das comunidades do município de Alfredo Chaves, onde o baralho é praticado.

Na comunidade de São Bento de Urânia, localizada a 41km da sede do município e com 900m de altitude, o entrevistado Severino Busato relembra seus dias de infância, quando jogava baralho quase todo dia em família após a jornada de trabalho, enquanto a luz natural permitia, visto que não possuíam energia elétrica. E nos tempos atuais ainda se junta a amigos e parentes para jogar baralho.

Não tinha televisão, não tinha rádio, não tinha nada na época, né. Então tinha ali pra conversar com a família. A gente conversava, brincava, jogava um baralho, uma bisca. [...] (Já adulto:) Eu jogava bola (de massa), jogava mora, jogava baralho, bisca, *tressette*, trunfo, o marimbo. Até hoje eu jogo baralho, mais o *tressette* e a bisca. Aí você junta quatro parceiros, joga bisca, e é uma diversão, é uma tradição, você joga para se divertir. [...] A maioria é depois da reza. Depois da celebração, o pessoal fica lá. É uma tradição, né. O pessoal chama uns lá... um quer jogar um baralho, outro quer jogar bola (de massa), outro quer jogar a mora. Aí sai os parceiros pra cá e pra lá. Divide o pessoal. Então é muito gostoso. E as crianças aprendem também, né. Os velhos vão jogando e a juventude vai junto também. Eu ensinei meu filho. A gente joga baralho aqui. Os meus netos também já jogam baralho. Mora também. Todos eles já sabem jogar, porque a gente já passa a tradição pra eles (BUSATO, Severino, 2023).

Em São Roque de Maravilha, Tranquilo Marotto afirma gostar muito de jogar baralho. Como é tradicional, os jogos acontecem sempre depois da reza no domingo e também aos sábados, na venda próxima à igreja, nas casas de amigos e até em outras comunidades. Segundo ele, jogavam triunfo “a noite toda”, até altas horas. Fazem também apostas em dinheiro



Figura 2 – O jogo de baralho na comunidade de São Roque de Maravilha. Fonte: acervo pessoal do autor (2023).

nas vendas da comunidade, onde muitos homens se reúnem para praticar os jogos.

Mais do que puramente diversão, os jogos de cartas constituem um espaço de sociabilidade, onde as pessoas se encontram para conversar sobre uma enorme gama de assuntos, desde as questões pessoais e familiares até aquelas que concernem ao trabalho e demais atividades. Seja nas dependências da capela, seja nas vendas ou mesmo em ambiente doméstico e familiar, durante os jogos, histórias são contadas, vínculos são construídos e fortalecidos, redes de amizade se criam e se alargam.

Essa característica do baralho como sociabilidade é uma herança legada pelos imigrantes italianos. Logo quando chegaram ao Espírito Santo já praticavam os jogos de cartas. Era uma forma de se manter unidos, de permanecer juntos, de formar uma comunidade de indivíduos com uma experiência compartilhada.

Edimar Vaneli, habitante da comunidade de Sagrada Família, assevera que os jogos de baralho fun-

cionam como sociabilidade, como uma maneira de convívio, onde se pode conversar, se divertir, combinar dias de trabalho, comer e beber. Em suma, um espaço para estar junto, uma forma de viver aprendida com os familiares.

Meus pais, tios, vovô sempre jogaram. Sempre jogaram desde papai pequeno. Eu peguei muito isso ainda. Se jogava geralmente no sábado à noite e nas casas. “Hoje nós vamos lá na sua casa, Gabriel. Nós vamos em quatro, cinco parceiros.” Tomava cachaça, tira-gosto e baralho a noite toda. E o domingo depois da reza, depois do culto. Tinha um boteco, ou ia pra casa de alguém, ou no boteco da igreja, e jogava. E eu sempre acompanhei papai de sábado à noite nessas casas, e fui aprendendo e jogo até hoje. Papai joga ainda, os meus tios, vovô jogava... essa é uma tradição que vem. E a gente se reúne, de vez em quando aqui se faz isso ainda. Por exemplo, quando eu vou em Alfredo Chaves (sede), tem um lugar que sempre se joga lá. Tem uns parceiros que jogam quase todo dia. Você vai lá no bar do Zambom, todo dia eles estão lá. Então quando eu dou uma passada lá... ah hoje eu tenho meia hora; então eu vou lá, se tem vaga, eu entro e jogo uma meia hora e vou embora... E em casa é bom, porque você escolhe os parceiros, não vai dar bagunça. E aí vai (conversa) de tudo. O que aconteceu durante a semana, roça, preço de banana, preço de café, o que que vão fazer... assuntos variados. E hoje tem pouco, mas até cinco anos atrás, um pouco mais, tinha muita gente que falava de sociedade. Tinha quatro, cinco amigos aí... geralmente tirava de um ou dois dias por semana. Então, estávamos nós quatro aqui, então falava assim: “ó, semana que vem nós vamos lá na minha roça”. Trabalhavam todos os quatro pra mim. A outra semana, pra você, a outra semana, pra outro e a outra semana pro outro. Um modo de juntar. E nesse baralho, nessa noite, se programava: “ó, essa semana nós vamos um dia só; ah vamos a semana toda. Estou com a roça livre, então vamos a semana toda” (VANIELI, Edimar, 2023).

Severino Busato relata a sociabilidade do baralho e de outros jogos, como a bocha e a mora, que pratica em São Bento de Urânia junto com seus companheiros e familiares.

Jogava dentro de casa, passava ali (em outra casa), jogava um baralho, chamava os vizinhos, jogava baralho, uma bisca... Se juntava, fazia uma papa de milho. Aí se juntava cinco, seis de nós, comia aquela papa, contando história, piada, brincadeira... e é a vida desse jeito. [...] Quando você está no jogo, você gosta de contar piada, brincadeiras, conta passado. Porque ali você tá jogando, mas tem coisa pra contar. Senão você não se encontra com os parceiros. E no jogo ali, você tá jogando, mas a sua mente tá contando... você conta do tempo do seu passado, conta de coisa que aconteceu. É a hora que você tá jogando e contando. Você fala do jogo, você fala da família, do plantio, fala da semana... eu trabalhei, choveu, deu sol. Então é nesse meio aí que você conta as histórias, senão você não encontra as pessoas pra chegar e conversar. Se você estiver numa comunidade, se você não conversar e não tiver jogo, você não tem nada pra contar [...]. Aí quando você pega no jogo, você vai contar história, vai contar passado, você tem muita coisa pra contar, o que você já passou na vida... Então aí você conta pra aqueles parceiros velhos, que são conhecidos, tem gente nova no meio também que fica escutando, aí vão aprendendo (BUSATO, Severino, 2023).

Percebe-se, por meio dos relatos sobre o lazer, que a forma dos jogos de baralho fabrica redes de relacionamento, permite a constituição e reafirmação de amizades, possibilita o contato e a integração entre a comunidade, fazendo com que indivíduos de diferentes famílias se unam. É um momento em que todos têm a oportunidade de ver e ser visto, conversar, compartilhar os planos, combinar serviços nas roças e, claro, se divertir com jogos que atravessam gerações.

Considerações finais

Milhares de pessoas deixaram suas casas na Itália, na segunda metade do século XIX, para se aventurar rumo ao desconhecido e tão falado Brasil, uma terra supostamente fértil e repleta de fartura. A bordo de navios, muitas vezes superlotados, realizaram uma difícil travessia, em que muitos não resistiam e eram jogados nas águas do Atlântico.

Aqueles que conseguiam chegar ao Brasil não viam o fim das dificuldades; pelo contrário, logo perceberam que as promessas feitas a eles não condiziam com a realidade. A pé seguiam viagem, subindo as serras do Espírito Santo e se embrenhando pelas matas fechadas até chegar ao tão desejado lote de terra próprio que, muitas vezes, era um pedaço impróprio para o cultivo. Logo nos primeiros dias, tinham que cuidar da sobrevivência imediata: a caça se mostrava a alternativa mais eficaz enquanto as plantações cresciam.

Mas, sobretudo em suas bagagens, os imigrantes italianos trouxeram história, memória, identidade e cultura. Hábitos culturais que permaneceriam sendo praticados por décadas após a chegada desses indivíduos às terras de Alfredo Chaves. O lazer constitui um dos mais marcantes aspectos dessa gente; os jogos da *boccia*, da *mora* e do *baralho* são elementos que perpassam as gerações e incluem crianças, adultos e idosos, descendentes de imigrantes ou não, nas comunidades do interior do município.

Mais do que uma simples forma de diversão, os jogos de *baralho* se mostram como veículos da sociabilidade entre esse grupo cultural. Pessoas se reúnem para jogar e se divertir, mas também para conversar sobre os mais variados assuntos, desde questões pessoais até abordagens sobre o trabalho nas lavouras. É no decorrer dos jogos que amizades são feitas e fortalecidas, vínculos são construídos e encontros são possíveis. O *baralho* atua como elemento integrador da sociedade e da identidade dentre os descendentes de imigrantes italianos em Alfredo Chaves.

Referências

- CAVATI, João Batista. **História da imigração italiana no Espírito Santo**. Vitória, 1973. 143 p.
- COSTA, Máximo. **Rememorações da nonnina**. Vitória, 1994. 119 p.
- DERENZI, Luiz Serafim. **Os italianos no estado do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974. 177p.
- FRANCESCHETTO, Cilmar. **Italianos: Base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014.
- GROSSELLI, Renzo M. **Colônias imperiais na Terra do Café: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008. 534 p.
- PESSALI, Hesio. **Alfredo Chaves: uma visão histórica e política**. Alfredo Chaves, 2015. 225 p.
- PUPPIN, Douglas. **La terra promessa: Ribeirão do Cristo – sua gente e sua história**. Vitória: IHGES, 2007. 116p.

Entrevistas - Fontes orais

- BUSATO, Severino. Severino Busato: Entrevista [11 nov. 2023]. Entrevistador: Gabriel Pietralonga Marion. Alfredo Chaves/ES, 2023.
- VANELI, Edimar. Edimar Vaneli: Entrevista [15 nov. 2023]. Entrevistador: Gabriel Pietralonga Marion. Alfredo Chaves/ES, 2023.
- VENTURINI, Luciano Antonio Grassi. Luciano Antonio Grassi Venturini: Entrevista [08 nov. 2023]. Entrevistador: Gabriel Pietralonga Marion. Alfredo Chaves/ES, 2023.